CAMPOS V.22 N.1 P. 214-241 JAN.JUN.2021

ARTIGO

A doença comunista e a sopa de morcegos. Sobre tráfico de animais, orientalismo e pandemia

FELIPE VANDER VELDEN

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR), SÃO CARLOS/SP, BRASIL
HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-5684-1250

Introdução: o vírus comunista

Na madrugada de 22 de abril de 2020, o então Ministro das Relações Exteriores brasileiro, Ernesto Araújo, publicou, em suas redes sociais, um texto em que, comentando a publicação, na Itália, de uma reflexão do filósofo esloveno Slavoj Žižek (2020) sobre a pandemia, anunciava: "Chegou o Comunavírus". Araújo elaborava, então, um tropo comum aos governos do Brasil e dos Estados Unidos da América: a acusação de que o novo coronavírus (o SARS-CoV-2) fazia parte de uma imensa e bem tramada conspiração comunista, liderada pela República Popular da China, destinada a abolir as nações e construir um "projeto globalista-comunista"; tarefa já levada a cabo, segundo o chanceler, por outras pautas da agenda política internacional, como o "climatismo ou alarmismo climático, da ideologia de gênero, do dogmatismo politicamente correto, do imigracionismo, do racialismo ou reorganização da sociedade pelo princípio da raça, do antinacionalismo, do cientificismo"[1].

Com essa manifestação, o Ministro mostrava compartilhar da tese, esposada pelo presidente Bolsonaro e família[2] e por outros integrantes dos altos escalões do governo federal, além de seus apoia-

1 Jamil Chade, "Pandemia: ministro denuncia 'plano comunista', cita China e questiona OMS". *UOL*, 22/04/2020 (https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/04/22/diante-da-pandemia-chanceler-alerta-contra-plano-comunista-e-questiona-oms.htm, acesso em 23/06/2020).

2 Já em março, o deputado federal (e filho do Presidente da República) Eduardo Bolsonaro afirmou que a "culpa" pela crise do coronavírus "é da China" (Filipe Matoso e Ana Krüger, "'Culpa é da China', diz Eduardo Bolsonaro; embaixador chinês repudia e exige desculpas. *G1*, 18/03/2020 (https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/18/culpa-e-da-china-diz-eduardo-bolsonaro-embaixador-chines-repudia-e-exige-desculpas.ghtml, acesso em 23/06/2020).

dores[3], de que a pandemia do coronavírus era parte de um plano de recuperação econômica orquestrado pela "ditadura chinesa": "toda vez que a China tem problemas econômicos aparece uma grande doença que se espalha pelo mundo causando crise nos mercados globais e diminuição no valor dos produtos importados pelos chineses"[4]. Estaríamos, assim, segundo vários setores que sustentam o atual governo brasileiro, à mercê de uma conspiração chinesa destinada "a criar caos no mundo" para a final difusão do comunismo e a hegemonia político-econômico-militar do Império do Meio (Escriba de Cristo, 2020). Diferentemente da febre amarela no Brasil oitocentista, uma "doença socialista" (Segata, 2016), a Covid-19 seria, neste início do século XXI, uma "doença comunista".

As insinuações conspiratórias difundidas pelo governo brasileiro e seus apoiadores assumiram tons francamente racistas[5] por parte de outro então integrante do alto escalão em Brasília. No início do mesmo abril de 2020, o então Ministro da Educação Abraham Weintraub, igualmente em uma rede social, afirmou que a crise causada pelo coronavírus beneficiaria a China em seu projeto hegemônico para "dominar o mundo". Na postagem, o ministro lançou mão de um velho modo preconceituso de caracterizar os chineses no Brasil: sua suposta dificuldade com a pronúncia da letra "R". Reproduzindo a foto de uma capa de um gibi da Turma da Mônica, que mostra os personagens na China, e usando o personagem Cebolinha, cuja prosódia troca a letra "R" pela letra "L", Weintraub ridicularizou o fato de alguns chineses, quando falam a língua portuguesa, efetuarem a mesma troca de letras[6].

Se a ideologia política do coronavírus é o que preocupa autoridades brasileiras e norte-americanas – Donald Trump, na época presidente estadunidense, insinuou que o surto do "vírus chinês" teria começado no Instituto de Virologia de Wuhan, onde fora propositalmente desenvolvido, e também atribui à China a responsabilidade pela pandemia[7] –, meu problema aqui é outro, ainda que também seja concernente à origem deste poderoso actante viral que provocou uma conflagração de proporções

3 Em cartazes exibidos em protesto diante da embaixada chinesa em Brasília podia-se ler "China virus". Eduardo Militão, "Faixas ofendem político da China em embaixada, que chama ato de palhaçada", *UOL*, 21/03/2020 (https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/21/faixas-embaixada-china-brasilia-xingamento-presidente-xi-jinping.htm, acesso em 23/07/2020).

4 Tales Faria, "Bolsonaro está convencido de que coronavírus é um plano do governo chinês. *UOL*, 16/03/2020 (https://noticias.uol.com.br/colunas/tales-faria/2020/03/16/bolsonaro-esta-convencido-de-que-coronavirus-e-plano-do-governo-chines.htm, acesso em 23/06/2020). Ver também André Ortega e Pedro Marin, "O coronavírus e a propaganda anti-China", *Revista Opera*, março de 2020 (https://revistaopera.com.br/2020/03/22/o-coronavirus-e-a-propaganda-anti-china/, acesso em 21/07/2020).

5 No dia 28 de abril, o ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal (STF), atendendo a um pedido da Procuradoria Geral da República, determinou abertura de inquérito para apurar suposto crime de racismo por parte de Weitraub (Márcio Falcão, Fernanda Vivas e Rosanne D'Agostino, "STF abre inquérito para investigar Weintraub por suposto racismo contra chineses". *G1*, 29/04/2020, disponível em https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/29/stf-abre-inquerito-para-investigar-weintraub-por-suposto-racismo-contra-chineses.ghtml, acesso em 23/06/2020).

6 A desconfiança e a hostilidade contra os chineses não arrefeceu ao longo do ano de 2020, e passou, em um dado momento, para seu produto de maior destaque no momento: a vacina CoronaVac, desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac, e que foi o primeiro imunizante a chegar ao Brasil. Pesquisa do Real Time Big Data mostrou que, em outubro, 46% dos brasileiros não tomariam a chamada "vacina chinesa", contra uma rejeição de 22% a vacinas norte-americanas e europeias, mas de 38% à vacina russa – vê-se que o problema parece mesmo ser o (suposto) comunismo! Luiz Fernando Toledo, "Brasileiros confiam menos em vacina da China do que nas de outros países". *CNN Brasil*, 19/10/2020 (em https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/10/16/pesquisa-rejeicao-a-vacina-chinesa-e-maior-no-brasil-do-que-em-outros-paises, acesso em 15/01/2021). Não há registros de recusa, pelos brasileiros, de outros produtos chineses, dos quais parece impossível abrir mão.

7 Laís Alegretti, "Coronavírus: como política de Trump amplia espaço para China conquistar influência". *BBC News Brasil*, 03/05/2020 (em https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52410557, acesso em 20/06/2020); João Fellet, "O que se sabe sobre as principais acusações contra a China na pandemia". *BBC News Brasil*, 30/04/2020 (em https://www.bbc.com/portuguese/amp/internacional-52466295, acesso em 25/06/2020).

globais. Com efeito, embora ainda esteja em discussão de que animal emergiu o SARS-CoV-2 em sua forma agressiva para seres humanos, a narrativa corrente afirma que suas primeiras manifestações ocorreram em um mercado de peixes e frutos do mar (o "Wuhan Huanan [South China] Seafood Wholesale Market" que comercializa também mamíferos e aves silvestres e seus subprodutos[8]) na cidade de Wuhan, na região central da China, ainda em dezembro de 2019. Os primeiros estudos, já em janeiro de 2020, sugeriram a transmissão da doença de cobras para humanos (Ji *et al*., 2020; Callaway e Cyranoski, 2020)[9]. Em seguida, apareceu a hipótese de que o vírus possui como hospedeiros determinadas espécies de morcegos (Lu *et al*., 2020), e, pouco depois, que o vírus que infecta humanos teria divergido da cepa que parasita pangolins (*Manis spp*.), mamíferos da ordem Pholidota, e "animal consumido como alimento exótico em algumas regiões da China"[10]. Mais recentemente, em maio, novas análises moleculares e filogenéticas contestam estas primeiras hipóteses, afirmando-as ainda inconclusivas (Liu *et al*., 2020). Outras espécies também já foram apontadas: visons (minks), furões e até mesmo tartarugas[11]. Os morcegos, contudo, parecem estar no centro da polêmica, como principais hospedeiros originários do vírus, e sua transmissão para seres humanos pode também ter se dado, alega-se, pela caça e introdução desses mamíferos alados nos mercados e pela "degustação" de uma "sopa de morcego"[12].

Este artigo[13] interroga a construção de cunho orientalista (Said, 1990) das práticas culinárias e terapêuticas chinesas, que discursivamente produzem a China como um lugar de hábitos bárbaros e pouco ortodoxos, alimentados pelo que seria um rampante e descontrolado tráfico ilícito de fauna silvestre que drena fabulosas quantidades de animais raros tanto dos frágeis ecossistemas chineses quanto de outros países, notadamente de seus vizinhos mais pobres do sudeste da Ásia (Donovan, 2004). Os chineses seriam, assim, os grandes responsáveis, ou culpados (no linguajar das autoridades brasileiras e de parte da sociedade civil do país), por uma série de vírus emergentes – pois outros desses microorganismos (como o SARS-CoV e o H5N1 da gripe aviária) tiveram origem neste país, principalmente em suas províncias meridionais (em especial Guangdong) e em Hong Kong (Davis, 2006; Keck e Lachenal, 2019: 29) –, mas não somente porque esses não humanos são politizados comunistas, mas também em função de condenáveis e desagradáveis hábitos de se empregar animais selvagens na medicina e na cozinha[14].

8 Nsikan Akpan, "New coronavirus can spread between humans – but it started in a wildlife market". *National Geographic*, 21/01/2020 (em https://www.nationalgeographic.com/science/2020/01/new-coronavirus-spreading-between-humans-how-it-started/, acesso em 21/06/2020).

9 Ver também Haitao Guo, Guangxiang Luo e Shou-Jiang Gao, "Snakes Could Be the Original Source of the New Coronavirus Outbreak in China", *The Conversation US*, 22/012020 (https://www.scientificamerican.com/article/snakes-could-be-the-original-source-of-the-new-coronavirus-outbreak-in-china/, acesso em 21/07/2020).

10 https://www.sanarmed.com/coronavirus-origem-sinais-sintomas-achados-tratamentos (acesso em 23/06/2020).

11 Victoria Gill, "Coronavirus: a hunt for the 'missing link' host species". *BBC News*, 04/05/2020 (em https://www.bbc.com/news/science-environment-52529830, acesso em 27/06/2020).

12 Diogo Sponchiato, "Coronavírus: como a pandemia nasceu de uma zoonose". *Veja Saúde*, 03/06/2020 (em https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-pandemia-zoonose/, acesso em 23/06/2020).

13 Aproveito para agradecer às leituras e valiosas contribuições de Andréia Osório, Flávio Leonel Abreu da Silveira, Ana Cláudia Rodrigues, Ana Paula Perrota, Franck Billé, Clarissa Martins Lima, Fabiano Souza, Piero Leirner, Celeste Medrano e Gabriel Sanchez.

14 De fato, como se verá na conclusão deste artigo, as duas coisas – o comunismo e os hábitos alimentares desagradáveis – constituem um só e mesmo tropo utilizado contra a China e os chineses.

Este raciocínio, contudo, oculta o fato de que o tráfico de animais da fauna silvestre é um problema de ordem global, afetando dezenas de países em circuitos, via de regra, Sul-Norte, nos quais espécies ameaçadas, raras e caras, da América Latina, África, Ásia e Pacífico dirigem-se para nações (e seus restaurantes, colecionadores, joalherias, zoológicos e outros atores) afluentes na Europa, extremo oriente e no petromundo árabe (Vander Velden, 2018). Além disso, também obscurece a constatação de que incontáveis animais selvagens circulam amplamente pelo território brasileiro como animais de companhia exóticos, como carne de caça (em geral ilícita), ou como recursos terapêuticos em várias medicinas tradicionais ou populares. As oportunidades para a emergência de novos e potencialmente letais microorganismos em função da intimidade entre coletivos humanos e diferentes animais selvagens – produzindo "ecologias virais" emergentes e potencialmente pandêmicas (Davis, 2006) –, desta forma, não é, nem de longe, uma exclusividade dos chineses.

A sopa de morcegos

Logo no início da pandemia, ainda no final de janeiro de 2020, começou a se espalhar a notícia de que o coronavírus teria emergido do consumo de uma "iguaria" da culinária chinesa, a sopa de morcegos, também chamada, em um insólito abrasileiramento da receita, de "moqueca de morcego"[15]. As notas vinham com frequência acompanhadas de imagens terríveis, em fotos e vídeos, que ressaltavam a ojeriza do público diante de uma tradição culinária tão exótica quanto abominável. Um dos vídeos que "viralizou" – ironia não intencional – na *web* mostra uma "chinesa" saboreando a infame refeição[16].

O vídeo espalhou-se acompanhado de notas do tipo "filmagem perturbadora exibindo alguém tomando uma sopa de morcego espalhou o temor de que o mortal coronavírus pode ter emergido da iguaria chinesa"[17]. Os comentários que acompanhavam tais notícias e imagens nas redes sociais eram, igualmente, pouco lisonjeiros aos hábitos alimentares "sujos" ou "nojentos" dos chineses, que se alimentariam de "trecos". Parece-me, de fato, pouco provável que alguém, ao menos no Brasil, esteja disposto a saborear um prato apresentado da forma como o foi: um morcego preto, com dentes à mostra, emergindo de uma tigela de sopa rala. As imagens claramente operam na construção da repulsa e do nojo, e são cruciais na visualização do animal como "culpado" pela doença (Lynteris, 2019b: 66). A cor preta do animal contrastando com os tons claros do caldo, os ameaçadores dentes arreganhados, o ventre exposto – tudo faz lembrar um caldeirão de bruxa da literatura e da cultura popular (Raffaelli, 2008) – além da comensal, que usa as mãos para morder logo a asa!

O que é bastante interessante é que, ao que tudo indica – e conforme a imprensa internacional percebeu e noticiou posteriormente –, nenhuma das imagens ou notícias sobre o consumo de sopa de

15 "'Moqueca' de morcego pode ter espalhado coronavírus mortal na China". *Acesse Política*, 23/02/2020 (em https://www.acessepolitica.com.br/moqueca-de-morcego-pode-ter-espalhado-coronavirus-dizem-especialistas/, acesso em 27/06/2020).

16 As imagens podem ser conferidas, por exemplo, em https://www.facebook.com/agazetaes/photos/a.283468605010135/3044368685586766/?type=3&theater (acesso em 27/06/2020)

17 Gemma Mullin, "Missing link: coronavirus outbreak could be linked to bat soup say scientists". *The Sun*, 24/02/2020 (em https://www.thesun.co.uk/news/10812276/coronavirus-china-virus-bat-soup/, acesso em 15/07/2020. No mesmo sítio pode-se assistir ao vídeo.

morcegos na China parece ter sido produzida na China, mas na República de Palau, uma nação insular no Pacífico frequentada, de fato, por muitos turistas chineses. Segundo o site *The Observers*[18], todas as imagens que difundiram o nexo entre a Covid-19 e uma suposta "tradição gastronômica" chinesa foram tomadas por turistas em Palau, com umas poucas na Indonésia. Neste pequeno país da Micronésia, com efeito, a sopa preparada com pequenos morcegos frugívoros é servida nos mais conceituados restaurantes, cozida em leite de coco com gengibre, legumes e especiarias[19]. Os restaurantes naquele país rapidamente não só reivindicaram a tradição da sopa de morcegos, como informaram que o nexo entre seu consumo e o "infame coronavírus" não estava provado, embora venham recomendando cautela ao se requisitar a iguaria.

Ademais, como afirmam os especialistas, é muito provável que o cozimento mate os vírus eventualmente presentes nos animais[20], demonstrando, basicamente, tratar-se, a história da "moqueca de morcegos", de mais um episódio de desinformação e preconceito dirigido contra a China. Mas não nos importa tanto, aqui, que a receita com morcegos seja palauana ou chinesa – ou, de fato, de qualquer outro lugar, uma vez que pratos preparados com carne de quirópteros são bastante comuns por todo o planeta, especialmente nos países do sudeste da Ásia e das bacias dos oceanos Índico e do Pacífico (Mickleburgh, Waylen e Racey, 2009; Mildenstein, Tanshi e Racey, 2016); o consumo de ampla gama de quirópteros é reportado nas províncias meridionais da China, mas não parece ser tão frequente e difundido como em países vizinhos. Entretanto, fixou-se, no confuso imaginário que se consolida em meio a desinformação sobre a doença (especialmente no Brasil), que se trata de hábito chinês: afinal, ninguém por aqui conhece Palau, nem o diminuto país e seus costumes interessam particularmente ao governo brasileiro. Minha reflexão, assim, deixa as sopas de morcego do Pacífico e segue na China continental, onde a alegada prática do consumo desses ensopados foi conectada ao tráfico de animais silvestres e o uso de muitos destes na culinária e na medicina tradicional chinesas, que adicionam, pois, uma boa dose de exotismo, asco e incompreensão em toda esta busca pelas origens.

Mercados úmidos, mercados de animais

A República Popular da China (juntamente com Índia, Indonésia, Malásia, Tailândia... e o Brasil) está entre os maiores fornecedores mundiais de animais silvestres para o comércio ilícito global, seja este em escala local, regional, nacional ou internacional (Broad, Mulliken e Roe, 2003: 12). Os chineses apreciam uma infinidade de produtos oriundos de espécies da fauna selvagem – carne, secreções e ex-

18 Liselotte Mas, "Is bat soup a delicacy in China? We debunk a rumor on the origin of the coronavirus". *The Observers France*, 02/03/2020 (em https://observers.france24.com/en/20200203-china-coronavirus-bat-soup-debunk-videos-viral-palau-indonesia, acesso em 27/06/2020). *The Observers* é um website (e também um programa de TV) produzido pelo canal francês France 24 e especializado na verificação de notícias internacionais por meio de fotografias, vídeos e relatos enviados por amadores (ver https://www.france24.com/en/tv-shows/observers/, acesso em 15/03/2020).

19 Ver imagens e receitas em https://www.tasteatlas.com/carprestaurant/fruit-bat-soup (acesso em 27/06/2020).

20 Fernando Mellis, "Manipular morcego para fazer sopa é mais perigoso que ingerir alimento". *Portal R7*, 24/01/2020 (em https://noticias.r7.com/saude/manipular-morcego-para-fazer-sopa-e-mais-perigoso-que-ingerir-alimento-24012020, acesso em 30/06/2020). Nesta notícia nota-se a resiliência do preconceito: se o cozimento mata o patógeno, então o perigo logo se transfere para a simples manipulação da carne do animal.

creções, peles, ossos, dentes e chifres, além de espécimes vivos – para usos diversos, incluindo a alimentação (para a qual a história registra pratos cada vez mais exóticos e elaborados) e práticas terapêuticas do que se convencionou denominar de Medicina Tradicional Chinesa (TCM) ou, mais amplamente – já que não se trata apenas de um fenômeno chinês – de Medicinas Tradicionais Asiáticas (TAMs).

Entre estes animais consumidos pelos chineses e outras sociedades do extremo oriente (na forma de alimentos e/ou de remédios) encontram-se espécies raras, como tigres, leopardos, camelos, lobos, raposas, rinocerontes e pangolins, além de "patas de urso, caudas de veado, nadadeiras de tubarão, ninhos de aves e lesmas do mar" (Donovan, 2004: 91) – e, claro, cães (Dugnoille, 2018). Ademais, registram-se práticas consideradas abomináveis – ao menos no Ocidente – como o cativeiro de ursos para a drenagem constante de sua bile, poderoso ingrediente contra problemas inflamatórios e degenerativos (Livingstone, Gomez e Bouhuys, 2018), além da popularidade de ossos de tigres (Mills e Jackson, 1994; Schneider, 2012: 65-86) e de chifres de rinoceronte (Fitzgerald, 1989: 105-114) em preparados com reputados poderes mágicos e medicinais (Donovan, 2004: 92; Liddick, 2011: 43-48). Tais práticas relativas à fauna não se restringem à China e Taiwan, mas prosperam em países vizinhos na Ásia e em algumas outras regiões – incluindo os Estados Unidos e suas muitas "*Chinatowns*" – em que há grandes comunidades de imigrantes (e de turistas) chineses (Donovan, 2004; Duffy, 2010).

Várias fontes informaram que o já famigerado mercado de peixes e frutos do mar de Wuhan disponibilizava comercialmente 112 produtos de origem animal, incluindo raposas vivas, crocodilos, filhotes de lobos, salamandras gigantes, serpentes, ratos, pavões, porcos-espinho, carne de camelo, além de morcegos e civetas[21] – estas últimas implicadas na epidemia de SARS em 2002 em função de seu aproveitamento na culinária do China meridional (Zhan, 2005). Com efeito, vários estudos que discutem o assim chamado tráfico de fauna, ou de animais silvestres, apontam para os perigos representados pelos patógenos inadvertidamente traficados pelo comércio internacional de fauna silvestre (cf. Alves, Rosa e Silva, 2007; Schneider, 2012: 92-96; Machado, 2013). Um biólogo entrevistado por mim em 2015, em Rondônia, bem resumiu o ponto:

> Tem também a questão da circulação de doenças por causa dos animais, doenças, vírus, parasitas, fungos, bactérias, que a gente não conhece. Doenças que circulam entre populações de pets silvestres, pets domésticos e animais silvestres. É um risco sanitário, de saúde pública.

O medo da difusão de microorganismos desconhecidos por meio de animais silvestres extraídos de seus habitats naturais – para se tornarem carne, enfeite ou pet – passou a figurar de modo proeminente nas discussões sobre doenças infecciosas emergentes (Quammen, 2012), produzindo novas modalidades de imbricação entre os discursos ambientalistas, sanitaristas e mesmo de segurança nacional (Wyatt, 2013: 49-51), que colocam cada vez mais em discussão moralizante práticas de contato "impróprio" entre seres humanos e animais selvagens. Não é diferente com o SARS-CoV-2: boa parte das notícias que se debruçam sobre as origens da atual pandemia põe em questão os "exóticos"

21 "On the menu at Wuhan virus market: rats and live wolf pups". *ChannelNewsAsia*, 22/01/2020 (em https://web.archive.org/web/20200122134135/https://www.channelnewsasia.com/news/asia/wuhan-pneumonia-virus-wholesale-market-animal-trading-12302476, acesso em 27/06/2020).

ou "nojentos" hábitos alimentares chineses, sua participação no negócio do tráfico ilícito de animais silvestres, a disponibilidade desses seres e produtos em mercados pelo país afora e a aparente mínima disposição, por parte do governo chinês, em coibir ou controlar o negócio. Mesmo cientistas chineses se colocaram contra a "ultrapassada e inapropriada tradição do consumo de animais selvagens e seus produtos" (Li *et al.*, 2020: 276). Além, claro, de libelos contra o "tráfico de animais" de maneira geral, associado, neste momento, mais do que nunca, a ameaças patogênicas emergentes e atividade com risco iminente de extinção da própria humanidade. E como se a interrupção antecipada de uma futura pandemia estivesse inteiramente nas mãos dos compradores e vendedores de animais silvestres[22] – e dessas "dádivas letais" ou "venenosas" (*lethal/poisonous gifts*) às vezes oferecidas por espécimes da fauna, o presente duvidoso que recebemos da domesticação animal e da crescente proximidade com criaturas não humanas (Diamond, 1999).

O fato é que os hábitos (e políticas) chinesas relacionadas ao comércio de espécies da fauna silvestre – a questão da "sopa de morcegos", e da origem zoonótica do coronavírus – têm sido enquadrados nos termos da preocupação internacional com o consumo de carne de caça (assim chamadas *bush meat* ou *wild meat*[23]) em todo o mundo. De certo modo, a longa história da associação entre doença e pobreza (Briggs e Martini-Briggs, 2004) desdobrou-se em outro nexo comum, aquele entre a pobreza e a caça e o consumo de carne de animais da fauna silvestre (Vander Velden, 2018: 99-105). Logo, carne de caça, pobreza e doença foram diretamente vinculados: o coronavírus só pode ter emergido de chineses pobres que, sem alternativas alimentares, resignam-se a consumir abomináveis "ratos alados", entre outras espécies incomuns. Além disso, tomam-se os assim chamados "mercados úmidos" (*wet markets*) chineses como lugares insalubres em que se comercializam, na surdina, espécies raras e subprodutos exóticos e caros de seus corpos – expressão urbanizada do clássico tropo do vírus que escapa de animais silvestres em remotas aldeias humanas (Garret, 1995; Preston, 1995).

Para começo de conversa, é preciso reconhecer que Wuhan é uma metrópole de 11 milhões de habitantes, sétima mais populosa cidade do país mais populoso do planeta, e um importante polo industrial e centro político, econômico, financeiro, comercial, cultural, logístico e educacional da China Central[24]. Muitas das imagens do mercado em Wuhan circulando na web, além disso, não ilustram exatamente um lugar insalubre, clandestino e perigoso, tal como imaginamos os cenários de comércio ilícito de animais silvestres[25] – ainda que a recepção dessas imagens, devidamente acompanhadas

22 Há muitas manifestações na imprensa associando o novo coronavírus com o tráfico de animais, especialmente na Ásia. Ver, entre outros, Rachel Nuwer, "Coronavirus disrupts illegal wildlife trafficking, right now". *The New York Times*, 29/04/2020 (https://www.nytimes.com/2020/04/29/science/coronavirus-disrupts-illegal-wildlife-trafficking-for-now.html, acesso em 14/07/2020); Rachel Nuwer, "To prevent next coronavirus, stop wildlife trade, conservationists say". *The New York Times*, 19/02/2020 (em https://www.nytimes.com/2020/02/19/health/coronavirus-animals-markets.html?action=click&module=RelatedLinks&pgtype=Article, acesso em 14/07/2020); Helen Briggs, "Coronavirus: putting the spotlight on the global wildlife trade". *BBC News*, 06/04/2020 (em https://www.bbc.com/news/science-environment-52125309, acesso em 14/07/2020). Animais domesticados e sistemas industriais de produção animal parecem estar sendo poupados: afinal, se não comerem morcegos, quem alimentará os chineses senão a BRF Foods, a Tyson Foods ou a JBS?

23 Os dois termos significam fenômenos distintos: *wildmeat* normalmente designa carne de caça consumida por caçadores e suas famílias, ao passo que *bushmeat* define carne de caça vendida para geração de renda (Pangau-Adam, Noske e Muehlenberg, 2012).

24 https://en.wikipedia.org/wiki/Wuhan (acesso em 07/07/2020).

25 Ver, por exemplo, disponível em https://asia.nikkei.com/Spotlight/Coronavirus/China-virus-outbreak not-currently-spreading--WHO (acesso em 22/07/2020).

por seus textos, provavelmente funcionem no interior do paradigma da fotografia epidemiológica, na qual se configuram a patogenicidade desses lugares e seus habitantes e se revelam culpados, humanos e outros-que-humanos (Lynteris, 2016). Um mercado de alimentos como quaisquer outros em muitas partes do globo, inclusive no Brasil[26]: complexas "infraestruturas multiespécies" (Sodikoff, 2019) nas quais (con)vivem (e morrem) juntos humanos, animais (legais e ilegais) vivos e mortos, partes de seus corpos e excreções e produtos, microorganismos, espécies comensais, entre muitos outros seres (Silveira, Silva e Mercês, 2016).

No entanto, se morcegos (e outras criaturas) são popularmente percebidos, ao menos no Brasil ou no mundo euro-americano, como habitantes de lugares "sombrios e sujos" (Gomes e Costa Neto, 2016: 102; Laird, 2018), a putativa presença dos quirópteros (e de outros animais exóticos – da nossa perspectiva, claro) ali acaba por transferir metonimicamente ao mercado suas características: úmido, sujo, infeccioso, culpável (e culpado). Esses locais passam a constituir *hubs* de uma enorme e "impura circulação de animais pelo globo", na qual o trânsito de distintos seres não humanos é descrito em termos de contágio e taxativamente condenado (Keck, Kelly e Lynteris, 2019: 6).

Epidemias e pandemias são comumente pensadas como frutos da pobreza e da falta da infraestrutura, mas vários casos parecem apontar o contrário: são as facilidades de comunicação e transporte que vêm incrementando as conexões entre distintas regiões do globo e produzindo a rápida difusão de patógenos. Com relação ao surto do vírus Ebola na África Ocidental em 2014-16, mesmo tendo ocorrido em três dos países mais pobres do mundo (Guiné, Libéria e Serra Leoa), sabe-se que a mortal expansão da doença esteve ligada às melhorias infraestruturais – sobretudo novas rodovias – nesses países: com isso, "o crescimento econômico intensificou as viagens e permitiu que a doença se espalhasse ao longo das rotas de intercâmbios sociais e econômicos" (Nguyen, 2019: 164).

A mesma coisa costuma se dizer do abate e consumo de animais silvestres: como signos da necessidade, da pobreza e da falta de acesso a mercados lícitos de carne de espécies domesticadas – fruto, portanto, de uma atividade arcaica, a caça, cuja superação rumo à domesticidade e à produção de animais em escalas industriais indicia a presença da civilização (Vander Velden, 2021). Não obstante, se é verdade que a caça de animais silvestres (principalmente mamíferos, mas também aves, répteis, anfíbios e invertebrados) para subsistência ou abastecimento dos mercados locais ou regionais de carnes exóticas e de carne de caça (*wildmeat* ou *bushmeat*, fresca, seca ou salgada) prospera – como únicas fontes proteicas – em muitas regiões pobres da África[27] (Carpinetti e Fa, 2012; Schneider, 2012: 89-98; Robinson e Remis, 2014), Ásia (Donovan, 2004; Purnama e Indrawan, 2010; Pangau-Adam e Noske, 2010; Pangau-Adam, Noske e Muehlenberg, 2012) e América Latina (Bennett e Robinson, 2000; Puyol *et al.*, 2010; Santos, Conceição e Bracht, 2013), constata-se que também sustenta um comércio

26 O jornalista Christopher St. Cavish alerta para a necessidade de não confundirmos os *wet markets* com os *wildlife markets* (mercados em que animais selvagens, muitas vezes ilegamente, são comercializados) na China ("Commentary: no, China's fresh foods markets did not cause coronavirus". *Los Angeles Times*, 11/03/2020, https://www.latimes.com/food/story/2020-03-11/coronavirus-china-wet-markets, acesso em 30/06/2020).

27 Mesmo na África Ocidental, os animais (*bushmeat*, sobretudo primatas, roedores e antílopes) caçados nos arredores das aldeias são "normalmente vendidos em centros urbanos por altos preços" (Bonwitt *et al*. 2018: 171).

internacional que busca atender às demandas de expatriados e imigrantes, que buscam por experiências gustativas (em geral caras e exclusivas) de suas terras natais deixadas para trás (Bowen-Jones, 2003).

Estudos realizados na África também apontam que uma significativa porção dos animais abatidos para consumo são comercializados em mercados urbanos e em restaurantes, que são frequentados por pessoas relativamente afluentes, ou exportadas para emigrados desejosos dos sabores da terra natal e que podem pagar por eles (Carpinetti e Fa, 2012). Assim, "[O]nde existe preferência por carne de caça, sua comercialização resulta no consumo crescente por parte de cidadãos afluentes" (Bennett e Robinson, 2000: 18); da mesma forma, em países desenvolvidos carnes exóticas são consideradas iguarias que adicionam, de tempos em tempos, variedade à dieta (Phillips, 2015: 143; Liddick, 2011: 50).

Trata-se de um mercado de luxo, de menor escala – quando comparado aos intercâmbios locais e regionais de carne de animais silvestres –, embora constitua negócio lucrativo, uma vez que atende a consumidores em busca de produtos exclusivos. A detalhada etnografia de Celia Lowe (2000, 2006) nas ilhas Togian (Indonésia) demonstra com maestria um desses fluxos sul-norte de espécies exóticas, algumas delas criticamente ameaçadas de extinção: certos peixes de recife raros e caros – pescados com métodos assaz destrutivos, utilizando veneno ou explosivos – deste pequeno arquipélago abastecem as mesas de empresários afluentes em Hong Kong e Cingapura.

Outros países em desenvolvimento também fornecem esses cobiçados animais para chineses afluentes mundo afora. David Quammen (2012: 187-188) observou que o incremento do consumo de espécies silvestres na China meridional por volta do início do terceiro milênio era um modismo – denominada *Era of Wild Flavour* (*yewei*) – no qual este comércio culinário tem menos a ver com necessidade, antigas tradições e recursos escassos do que com consumo conspícuo associado a modos de obter e exibir prosperidade e sorte. A alimentação carnívora na China constitui uma arte antiga, sofisticada e complexa, na qual a variedade de texturas, sabores e combinações são valores – geralmente reservados às elites – que incluem uma "potente vontade de apropriação do mundo animal" em sua variedade por vezes extrema, incluindo grande quantidade de espécies (muitas exóticas e estrangeiras), porções de seus corpos e produtos e modos de preparo (Sabban, 1993: 82-84).

Sabe-se, ainda, como os altos preços alcançados por animais exóticos nos mercados transnacionais não apenas alimentam os negócios, como indicam circuitos do Sul pobre para o Norte rico – ou de regiões menos favorecidas de um país para suas porções mais abastadas, como, no Brasil, do Norte e do Nordeste para o Sul e o Sudeste (Renctas, 2001: 28-30). Quem pode pagar por uma araracanga (*Ara macao*) que vale entre US$ 5 mil ou 6 mil na Europa e nos Estados Unidos (Renctas, 2001: 56)? Ou por uma arara-canindé (*Ara ararauna*) que chega a ser vendida por US$ 10 mil no exterior (cf. Elabras, 2003: 84)? O que dizer de uma arara-azul comum (*Anodorhynchus hyacinthinus*), por 25 mil dólares, uma jaguatirica (*Leopardus pardalis*), por 10 mil dólares, ou um raro mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*), pelo qual se pedem até 20 mil dólares americanos? Quem pode dispor de dinheiro mesmo por um simples curió (*Oryzoborus angolensis*), que pode chegar a valer US$ 1.000 no exterior (WWF, 1995: 24)?

Animais silvestres, em muitos casos (como parece acontecer na China, por exemplo), portanto, não são comida de todo dia, recurso emergial para a carência desesperada de proteína. Mesmo a carne

de morcegos, na maior parte das regiões onde é consumida, constitui uma iguaria de luxo, custosa e apreciada somente em ocasiões especiais, ou que só pode ser encontrada em restaurantes (como em Palau e nas Seychelles) nos quais figura na atração de turistas pelo exotismo (Mickleburgh, Waylen e Racey, 2009). Mike Davis (2006: 79) assevera que o apreço pela carne de caça na China não é impelida pela subsistência (como ocorre na África Ocidental), e sabe-se que consumo conspícuo e extravagante de carne de animais silvestres raros e caros vem drenando a fauna do Sudeste Asiático para afluentes cidadãos chineses (Donovan, 2004).

Sopas de morcego, assim, não são, em geral, iguarias de povos primitivos, atrasados e doentes, mas até a terminologia empregada para se referir a este hábito reveste-se de preconceito: conforme David Quammen comenta, *en passant* (2012: 40), "quando africanos caçam e comem animais silvestres nós chamamos de 'bushmeat' e lhe imputamos um ônus negativo, embora nos Estados Unidos se trate apenas de caça ['game']" (ver McGovern, 2014). O caso da culpabilização dos chineses pela Covid-19 em função de alguns de seus hábitos alimentares – julgados simultaneamente asquerosos e arriscados – aparece, então, como nova oportunidade para demonizar a China. É fato, contudo, que o mercado de animais silvestres e seus corpos e produtos é infinitamente maior e mais complexo, e seus fluxos, com frequência, destinam-se a abastecer mercados afluentes na Europa, no Japão e nos Estados Unidos (e na própria China), ou aos turistas abastados do Norte que visitam o Sul global. Em ambas as situações, o negócio é, em larga medida, mantido por elites interessadas no exotismo ou na saudade dos sabores de casa. E o Brasil não se encontra fora disso.

Carnes não convencionais

Atitudes preconceituosas contra chineses e imigrantes de origem chinesa no Brasil têm uma longa história: em 1869, por exemplo, em seu livro *Importação de trabalhadores chins*, o escritor e tradutor José Pedro Xavier Pinheiro falava da "fealdade repugnante", dos "hábitos extravagantes", da língua "pouco eufônica" e da aparência "mais jocosa que terrível" dos nacionais da China (citado em Leite, 1999: 261). Logo que as primeiras notícias sobre a nova doença chegaram ao Brasil, chineses e descendentes (incluindo outros povos orientais, como japoneses e coreanos) relataram casos de discriminação xenofóbica, o que se repetiu em várias partes do globo. Entre as tristes manifestações recolhidas pelo jornal *Folha de S. Paulo* no *Twitter* estavam "quando vejo um chinês, eu atravesso a rua", "não compraria uma coca fechada deste povo, porque eles contaminam tudo", e "os coreanos, tailandeses e esse resto também são um horror, invadem nosso país, roubam os empregos do nosso povo e ainda espalham doenças"[28].

Obviamente, alguns dos hábitos alimentares dos chineses, que voltaram à tona nos debates em torno da origem do novo coronavírus, vieram para fazer coro a esta caracterização pouco lisonjeira dos orientais, e sabemos, já de longa data, como a cozinha (o que se come e, sobretudo, o que *não* se come

28 Matheus Moreira, "Em meio a surto de coronavirus, orientais no Brasil relatam preconceito e desconforto". *Folha de S. Paulo*, 03/02/2020 (em https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/em-meio-a-surto-de-coronavirus-orientais-no-brasil-relatam-preconceito-e-desconforto.shtml, acesso em 02/07/2020).

– ou que *não se deve* comer) constitui um dos principais pilares das construções da identidade e da alteridade, da solidariedade e da abjeção, nas quais o consumo de certas carnes constitui violação moral de certas "regras morais civilizatórias" (Perrota, 2020). Degustar a carne de vários animais selvagens é normalmente encarado com uma mistura de espanto e nojo. O simples relacionar-se com alguma proximidade com estes seres também o é, frequentemente: morcegos, por exemplo, são considerados, em muitos lugares, criaturas hediondas, perigosas, contaminadas, nocivas, venenosas e transmissoras de doenças, "ratos com asas" ou "aves do diabo", e comê-los é quase impensável do ponto de vista do brasileiro comum (Gomes e Costa Neto, 2016).

Constitui exercício instigante olhar para a lista (ver acima) de animais sucessivamente elencados como suspeitos biopolíticos e potenciais "culpados" pela emergência do SARS-CoV-2. Zhan (2005) já havia demostrado a ambiguidade das civetas (cujo nome em chinês se traduz por "gato-raposa") implicadas no surto de SARS em 2003. Pangolins – os únicos mamíferos com escamas (o termo em mandarim significa "carpa da colina", algo como um peixe terrestre) –, da mesma forma, são criaturas bizarras, exóticas, taxonomicamente instáveis, ritualmente significativas (Douglas, 1990; Aisher, 2016: 320) e, de fato, muito pouco conhecidas dos públicos (consumidores) ocidentais – a maioria de nós, antropólogos e antropólogas, sabendo algo deles justamente via Mary Douglas (Perrota, 2020: 1). Pouco seria necessário acrescentar a respeito das associações simbólicas negativas das serpentes, seres terrestres que rastejam na sujeira do chão, vinculados a uma sexualidade traiçoeira, venenosa e incontida e alvos costumeiros de medo e repulsa por todo o mundo euro-americano (Ribeiro, 2017). Morcegos – eles, também, por seu turno, criaturas crepusculares, ambivalentes e poluentes, a meio caminho entre a ave e o mamífero – compõem, assim, com estas outras espécies (civetas, pangolins, cobras), um conjunto suspeito de animais de "taxonomia incerta, algo semelhantes a *tricksters* e sedutores míticos, e alguma afinidade com outros animais da cadeia alimentar suspeitos por sua lubricidade e lascívia" (Lynteris, 2016: 122).

A pergunta, então, a ser respondida aqui é: se algumas das receitas da cozinha chinesa (e algumas terapias de sua medicina tradicional) são tão incompreensíveis ou repugnantes, por que apenas esta nação concede livre expressão ao desejo de seu povo pelo consumo de espécies raras e pouco usuais, pensadas como não comestíveis, talvez sequer ingeríveis? Ou as necessidades dos chineses são tão agudas que só lhes resta o recurso ao consumo de estranhos animais das florestas? Vimos, acima, que porção significativa do consumo de carne de animais silvestres e/ou exóticos não é dirigida pela necessidade, mas pelo luxo. Entretanto, seja uma coisa ou outra, no Brasil registra-se ampla circulação de carnes de espécies selvagens, empregadas, assim como na China, tanto na alimentação como na medicina dita popular.

Fontes variadas mostram com clareza que no Brasil comercializa-se uma enorme variedade de animais silvestres e seus produtos, muitos deles ilegalmente – proibidos pela lei 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 (a chamada Lei de Crimes Ambientais), que observa que incorre em crime quem "vende, expõe à venda, exporta ou adquire, guarda, tem em cativeiro ou depósito, utiliza ou transporta ovos, larvas ou espécimes da fauna silvestre, nativa ou em rota migratória, bem como produtos e objetos dela oriundos". Não obstante, amplas parcelas da população brasileira consomem carne de diversas espé-

cies nativas, assim como fazem uso de substancial diversidade de animais e seus subprodutos (carne, gordura, pelos, penas, couros e peles, excreções e secreções, sangue, ossos) nas chamadas medicinas ou terapêuticas tradicional-populares, ou zooterapias (Costa Neto e Alves, 2010; Alves e Rosa, 2010).

Vários estudos em feiras livres país afora vêm chamando a atenção para a compra e venda e o consumo desregulado de animais da fauna nativa (Alves, Rosa e Silva, 2007; Alves e Pereira Filho, 2007; Alves e Santana, 2008; Alves *et al*., 2010; Alves, Barboza e Souto, 2009). Morcegos, inclusive, podem ser encontrados à venda na famosa feira livre de São Joaquim, em Salvador, Bahia (Gomes e Costa Neto, 2016: 96), e é interessante como quirópteros vez ou outra aparecem em livros de receitas ocidentais, como na Austrália da Era Vitoriana (em que se julgam raposas-voadoras '*excellent eating*') e em uma receita com cebolas, molho de soja e leite de coco publicada no final dos anos de 1970 no *New York Times Natural Foods Cookbook* (Laird, 2018: 131-132)[29].

Evidências há que, assim como em outras regiões do planeta, o volume de aquisição desses produtos (por caça, captura, compra ou troca) também tem boa parcela movimentada pelas elites ou camadas médias da população – não os mais pobres. Sabemos, há tempos, que o Norte sempre guarda os melhores cortes de carne, ao passo que ao Sul sobram os retalhos gordurosos (Gewertz e Errington, 2010). Um funcionário do IBAMA em Porto Velho, Rondônia, confidenciou-me, em entrevista em 2014: "A classe média de Porto Velho é quem mais come carne de caça. O pessoal da cidade caça muito e traz a carne para vender por aqui, na cidade". O mesmo acontece na tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, na região de Tabatinga (estado do Amazonas), onde se verifica um intenso comércio de carne dos mais variados animais nativos, e onde quelônios (ilegais) são "uma mercadoria diferenciada" adquirida por "pessoas 'de dinheiro'" e destinadas, geralmente, "a aniversários ou para festas de fim de semana" (Pinto, 2017: 144-145).

O apreço pela carne de caça no Brasil pode ser medido no apelo crescente das chamadas "carnes exóticas" (ou "carnes não convencionais") no mercado brasileiro. Para se ter apenas uma ideia, pesquisa realizada na Região Metropolitana de Goiânia encontrou, à venda em açougues, em bares, churrascarias e restaurantes, carne de tartaruga, jacaré, javali, paca, capivara, cateto e queixada – para ficar apenas nos mais incomuns –, com os autores afirmando, ainda, que o mercado de carnes de animais silvestres e exóticos encontra-se "em expansão" (Amaral *et al*., 2016). Carnes de outros animais, nativos e introduzidos ou importados, como emas, avestruzes, cervos, antas, marrecos, cutias e outros, estão conquistando paladares e cardápios de restaurantes elegantes nas capitais do Brasil[30], embora já frequentem mesas menos opulentas há tempos – e nem sempre com procedência legal. A captura/caça, circulação e consumo de várias espécies silvestres é, ao contrário do que se pensa, comum no país: "pequenos animais (tatus, tejus, preás, mocós, arribaças, rolinhas, etc.)" no sertão nordestino "[a]té hoje são considerados como iguarias, vendidos ou consumidos ilegalmente" (Cavignac *et al*., 2018: 38).

A existência de ampla circulação e consumo de carne e outros produtos de origem na fauna silvestre no Brasil, assim como por todo o planeta (cf. Vander Velden, 2018), sugere que culpabilizar as práticas alimentares

29 O mesmo pode ser dito dos Estados Unidos, grandes importadores de fauna silvestre de todo o planeta (inclusive da China) e país que abriga uma imensa rede de circulação de animais selvagens de todo tipo, e de todo o mundo, para abastecer vários mercados (Green, 1999).

30 Darlene Santiago e Vera Ondei, "Bicho bom". *Dinheiro Rural*, 12/12/2016, em https://www.dinheirorural.com.br/secao/agronegocios/bicho-bom (acesso em 08/07/2020).

exóticas dos chineses não apenas conta como preconceito exclusivista – porque povos de toda parte comem as mais variadas espécies selvagens –, mas também ignora o fato de que as relações com estes animais não domesticados, no Oriente e no Ocidente, nem de longe se podem resumir ao seu consumo, alimentar ou medicinal. É fato que já em 22 de fevereiro de 2020, por conta das reações internacionais negativas, a China proibiu a venda e o consumo de animais exóticos – fico pensando em como se definem "animais exóticos" por lá[31] – no país, além de fechar, na mesma época, pelo menos 19 mil criadouros de animais "silvestres"[32] – sem deixar escapar, obviamente, o oxímoro representado pela noção de "animal silvestre criado".

Não obstante, reduzir o problema da relação entre animais silvestres e microorganismos patogênicos emergentes ao que se convencionou chamar de "tráfico de animais silvestres" é, mais uma vez, criminalizar de maneira generalizante – além de torná-las eminentemente contagiosas ou contaminantes – práticas imensamente diversas de interação entre humanos e não humanos. Evidências recentes bastante detalhadas, inclusive, colocam em dúvida se o novo coronavírus emergiu mesmo no mercado de animais de Wuhan (Zhan, Deverman e Chan, 2020; Andersen *et al*., 2020)[33], e notícias frescas apontam que o vírus já circulava na China em novembro de 2019[34], nada tendo que ver, aparentemente, com o Wuhan Huanan Seafood Wholesale Market[35]. Não podemos, portanto, resumir o problema a alguns dos supostamente deploráveis hábitos manducatórios chineses. E nem, tampouco, ao seu regime político. Vírus e outros patógenos emergem o tempo todo, em todo lugar (Garret, 1995; Quammen, 2012), e testemunham a intimidade do companheirismo entre espécies e a intrincada rede de emaranhamentos que conectam todos os seres que partilham da Terra.

É imperativo, portanto, não descontar os prejuízos sanitários, econômicos e pessoais causados pela pandemia nem em todos os humanos que se relacionam com animais silvestres – um fenômeno

31 A categorização de animais como "exóticos", "silvestres" ou "selvagens" (ou seus equivalentes ou análogos) varia, obviamente, segundo contextos socioculturais específicos. Ver Coggins (2002) para uma investigação destas categorias na China.

32 "Qual o impacto da proibição da venda de animais exóticos na China". *Ambiente Brasil*, 03/03/2020, em https://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2020/03/03/157395-qual-o-impacto-da-proibicao-da-venda-de-animais-exoticos-na-china.html (acesso em 08/07/2020). Alguns especialistas argumentam que a proibição – há muito aguardada pelas agências críticas aos usos comerciais de animais selvagens – pode piorar a situação, uma vez que transações ilícitas devem ocupar o mercado formal: na linguagem cromática do combate ao crime, os negócios passaram do cinza ("gray markets") ao negro ("black markets") (Christopher St. Cavish, "Commentary: no, China's fresh foods markets did not cause coronavirus". *Los Angeles Times*, 11/03/2020 em https://www.latimes.com/food/story/2020-03-11/coronavirus-china-wet-markets, acesso em 09/07/2020). Evidências recolhidas durante o surto de Ebola na África Ocidental (2013-2016) sugerem que banir o aproveitamento de animais selvagens como alimento como política de saúde pública podem ter efeito semelhante, ou seja, tornar a vigilância epidemiológica ainda mais difícil, por conta da criminalização das práticas (Bonwitt *et al.*, 2018: 172). Na verdade, estamos diante de um daqueles *double binds* que caracterizam a sociedade global contemporânea (Eriksen, 2016): deixa-se a caça ilegal de espécies silvestres seguir seu curso cada vez mais devastador, ou converte-se tudo na produção industrial de animais silvestres-criados-em-fazendas?

33 Ver também Victoria Gill, "Coronavirus: a hunt for the 'missing link' host species". *BBC News*, 04/05/2020, em https://www.bbc.com/news/science-environment-52529830 (acesso em 09/07/2020); James Palmer, "Don't blame bat soup for the coronavirus". *Foreign Policy*, 27/01/2020 (em https://foreignpolicy.com/2020/01/27/coronavirus-covid19-dont-blame-bat-soup-for-the-virus/, acesso em 15/07/2020). É possível, portanto, que o novo vírus tenha "entrado no mercado", e não "saído dele" (ver Jon Cohen, "Wuhan seafood market may not be source of novel virus spreading globally", *Science*, 26/01/2020 (em https://www.sciencemag.org/news/2020/01/wuhan-seafood-market-may-not-be-source-novel-virus-spreading-globally, acesso em 22/07/2020.

34 Jeanna Bryner, "1st known case of coronavirus traced back to November in China", *LiveScience*, 14/03/2020 (https://www.livescience.com/first-case-coronavirus-found.html, acesso em 21/07/2020).

35 Bruno Carbinatto, "China diz que wet market de Wuhan provavelmente não foi origem da Covid-19". *Super Interessante*, 01/06/2020, em https://super.abril.com.br/saude/china-diz-que-wet-market-de-wuhan-provavelmente-nao-foi-origem-da-covid-19/ (acesso em 10/07/2020).

global, cujo regramento demanda uma ação firme por parte de governos, organismos internacionais e da sociedade civil em geral, sobretudo, no que tange a um controle mais efetivo das interações predatórias entre nós e os seres não humanos – e nem, muito menos, nos próprios animais selvagens vetores ou hospedeiros de microorganismos patogênicos. Em vários casos documentados (cf. Garcia, 2018), verifica-se movimentos populares de extermínio de animais relacionados, cientificamente ou não, a certas moléstias – como vetores, hospedeiros ou reservatórios de microorganismos zoonóticos – e tratados como "vilões epidêmicos" (Lynteris, 2019a) ou "inimigos naturais" (Knight, 2000).

Tendo em vista a publicidade que ganharam os morcegos como hospedeiros do novo coronavírus, a ONG britânica Bat Conservation Trust publicou, em seu website, uma série de instruções destinadas a esclarecer o público para não haver responsabilização, e consequente abate indiscriminado, de quirópteros por conta de sua relação com a doença[36] – e pode-se suspeitar que morcegos sejam alvos preferenciais, dadas suas funestas associações (como vimos acima), como acontecia com os gatos na Europa até o século XIX e massacrados em um famoso episódio ricamente analisado por Robert Darnton (1986). Morcegos, uma das ordens de maior biodversidade entre os mamíferos, lamentavelmente, restam imersos no que Deborah Bird Rose (2011) chamou de *deathscapes*, presos a sua simbologia negativa como seres contamianantes e ao sofrimento intenso provocado pela destruição acelerada de seus *habitats* e sérias ameaças de extinção.

E é, de fato, como vítimas – mais do que "vilões epidêmicos" – que os animais parecem estar sendo tratados nesta recente pandemia de Covid-19: vítimas do tráfico de fauna, da degradação ambiental e das práticas médico-culinárias abomináveis dos chineses, além da pusilanimidade de suas autoridades sanitárias, sendo esses dois últimos os verdadeiros vilões, inimigos, ao mesmo tempo, da saúde pública e da democracia globais. Traficantes de animais e consumidores de carnes exóticas chineses se convertem nos únicos párias (*rogues*) sobre quem recaem as acusações, livrando-se o vírus e o morcego (ou outro reservatório animal) desta necessidade de culpabilização (Fairhead, 2018: 177). Não que eu queira isentar os seres humanos de quaisquer responsabilidades neste cenário de conjunções perigosas entre cultura e natureza; mas a questão premente é sobre quais humanos recairá a infâmia?

Embora tenha suas razões de ser no interior sistêmico da Medicina Tradicional Chinesa, pangolins, "os mamíferos mais traficados do mundo", estão sendo consumidos de maneira voraz e em velocidade alarmante por cidadãos afluentes (VIPs) na China – cuja população de novos ricos cresce de maneira exponencial – que jogaram suas oito espécies asiáticas e africanas no desolador vórtex da extinção (Aisher, 2016). Talvez seja este mesmo um momento oportuno para repensarmos esses tipos de conjunções interespecíficas que ocorrem às custas da biodiversidade do planeta e das vidas de milhões de animais. Mas, como sempre, é preciso cautela para que esta reflexão não conduza à uniformização de intenções e práticas socioculturais e ao preconceito e a demonização do outro.

36 Ver https://www.bats.org.uk/about-bats/bats-and-disease/covid-19-and-bats (acesso em 24/06/2020). Dezenas de milhares de visons (minks) estão sendo abatidos com gás na Holanda depois que casos de Covid-19 foram atribuídos ao contato com esses animais, criados em fazendas por causa de sua valiosa pele (Enserink, 2020).

O que se passa, de fato, é que complexos sistemas de vigilância[37] vêm sendo desenhados para controlar os movimentos de aves migratórias e outros animais selvagens, além, é claro, de seres humanos – cuja circulação acaba por se confundir com o que seriam movimentos desgovernados de doenças, seus vetores e hospedeiros (Zhan, 2005; Lowe, 2010; Keck, 2020). Ocorre que as muitas incertezas epistemológicas relacionadas a estes patógenos emergentes nos levam a procurar por "párias animais" (*rogue animals*) (Zhan, 2005; Lynteris, 2019a; Dabezies e Prieto, 2020), culpados pela pandemia, mas também, e sobretudo, por "cidadãos párias" (*rogue citizens*) ou "sujeitos não sanitários" (*unsanitary subjects*, segundo Briggs e Martini-Briggs, 2004), justamente aqueles que frequentam mercados úmidos e relacionam-se com – leia-se, abatem e devoram – animais da fauna silvestre (mesmo que criados e mantidos em cativeiro) de maneiras que julgamos impróprias, impuras, bárbaras ou contaminantes. O infeliz mercado úmido de Wuhan aparece, na imprensa, como o "*Wuhan virus market*", como se comercializasse vírus.[38] E chineses na França e no Canadá criaram, nas redes sociais, a hashtag *#JeNeSuisPasUnVirus* ("Eu não sou um vírus")[39], e a frase também apareceu no Carnaval de 2020 na boca de descendentes de orientais que se viram vítimas de preconceito – presentificação da noção do imigrante oriental não assimilável (Billé e Urbansky, 2018), agora na forma de um vírus, partícula estranha no interior do corpo nacional –, como a atriz paulista de origem japonesa Ana Hikari, que se manifestou no Twitter em 08 de fevereiro de 2020[40].

Chineses e outros povos orientais, desta forma, comprariam e comeriam vírus no mercado, e acabariam por se tornar, eles mesmos, agentes contaminantes, vírus. Busca-se, assim, por uma nação pária (*rogue nation*) – neste caso, a China, marcada pela estranheza de seus costumes, e pela quase nenhuma disposição, diz-se, em alterar tais práticas (note-se, claro, para cumprir agendas globais que podem não coincidir com as prioridades chinesas) – e, na opinião dos governos brasileiro (e norte-americano), de uma muito suspeita vontade de expansão e de difusão do comunismo internacionalista e da influência sinítica pelo mundo, uma manifestação contemporânea dos persistentes "perigos amarelos" entre nós (Dezem, 2005; Takeuchi, 2008; Billé e Urbansky, 2018). A cidade de Guangdong se torna mesmo uma "exportadora de vírus" (Davis, 2006: 77), o que sugere a pandemia como (geo)política econômica. Desnecessário lembrar que a China, dada sua centralidade geopolítica e econômica contemporânea,

37 Em seu livro, Frédéric Keck (2020) descreve detalhadamente as ações e tecnologias de mapeamento e monitoramento das interações entre múltiplos seres – aves migratórias, animais de planteis domésticos e industriais, vírus e outros microorganismos e pessoas vinculadas a estes contextos (criadores, produtores, consumidores, turistas) – empreendidas por uma rede constituída por governos e centros de pesquisa na China, Hong Kong, Cingapura e Taiwan.

38 "On the menu at Wuhan virus market: rats and live wolf pups". *ChannelNewsAsia*, 22/01/2020 (https://web.archive.org/web/20200122134135/https://www.channelnewsasia.com/news/asia/wuhan-pneumonia-virus-wholesale-market-animal-trading-12302476, acesso em 27/06/2020). Uma postagem do Movimento Brasil Livre (MBL) no *Instagram*, de 16 de março, pergunta: "Quando a China será responsabilizada pelas doenças que espalha ao mundo?" (https://www.instagram.com/p/B90Qw1jjk3f/?igshid=kdbvs8zfylbe, acesso em 21/07/2020), como se fosse a intenção dos chineses a difusão do coronavírus, da SARS, da gripe aviária e até mesmo da "peste negra".

39 https://twitter.com/hashtag/jenesuispasavirus (acesso em 02/07/2020).

40 Ver https://twitter.com/_anahikari/status/1226269810939572224 (acesso em 13/07/2020). Num interessante contragolpe, o presidente Jair Bolsonaro passou a ser, ele mesmo, comparado a um vírus (o 'Bozovírus'), que tem feito mais estragos ao Brasil do que o SARS-CoV-2 e precisa urgentemente ser combatido ("Bozovírus: o ex-capitão é tão perigoso quanto o coronavírus e precisa ser impedido a bem do Brasil". *Carta Capital*, 24/03/2020, em https://www.cartacapital.com.br/carta-capital/bozovirus-o-ex-capitao-e-tao-perigoso-quanto-o-coronavirus-e-precisa-ser-impedido-a-bem-do-brasil/, acesso em 22/07/2020). As metáforas em torno do vírus (incluindo a "viralização" recente de *fake news* no Brasil e no mundo) merecem atenção à parte.

está longe de ser um estado pária (*rogue nation*, também traduzido em português como "estado vilão" ou "delinquente") no sentido usualmente aplicado a estados pouco dispostos a abrirem-se às injunções da comunidade internacional – de fato, a recente derrocada da diplomacia do Brasil e seu aparente desejo de isolar-se de organismos internacionais para seguir perpetrando seus crimes por aqui é que parece colocar a país no caminho para tornar-se, ele mesmo, um estado pária[41].

Considerações finais: o vírus do ódio

É imperativo, destarte, tomar algum cuidado em assumir a miríade de relações consideradas ilícitas com animais selvagens – um conjunto de práticas culturais muito heterogêneas abrigadas sob a categoria do "tráfico de animais da fauna silvestre" (Vander Velden, 2018) – como vetores de doenças, ou reduzi-las a isso (Keck, Kelly e Lynteris, 2019: 3), tornando a miríade de relações multispécies em questões de saúde pública (Porter, 2013; Brown e Nading, 2019: 9-10)[42]. De fato, há evidências de que as práticas de captura, manutenção, abate e consumo de animais silvestres constitui um dos temas sensíveis da agenda (conservacionista) internacional, substanciando percepções de atraso e primitivismo e gerando choques entre discursos de agências governamentais e não governamentais de alcance transnacional e práticas locais ou regionais relativas à fauna silvestre (Bonwitt *et al.*, 2018).

Efetivamente, portanto, os resultados de toda esta difamação sinofóbica da China e de seus cidadãos parece ser o contrário do que parece pretender o governo de Jair Bolsonaro. Ao destacarmos e condenarmos, mais uma vez, a estranheza das práticas chinesas, aproveitando o momento para acusá-los de, entre outras coisas, tentar dominar o mundo – por meio de uma doença que, se não escapou de seus laboratórios militares, ao menos emergiu da conjunção imprópria entre humanos e não humanos nos mercados úmidos – estamos jogando para baixo do tapete vários hábitos comuns também à sociedade brasileira. Nesta tentativa de tornar o invisível (o vírus) em algo visível (por meio de seus putativos "criadores e "portadores" orientais) para criar algo semelhante a uma unidade nacional (ou mesmo internacional) fictícia, estamos, igualmente, autorizando a circulação de pseudoteorias acusatórias que vêm alinhando cada vez mais o Brasil, no cenário internacional, a uma posição que aparentemente é minoritária, mas de cujo poder ainda não sabemos a extensão. Talvez Noam Chomsky (2020: 15) esteja certo: o coronavírus é grave, mas não é o maior de nossos problemas.

Como escreveu Rafael Guimarães (2020: 6), "[o] racismo, o sexismo e o especismo andam juntos nessa direção: ao atribuir à Covid-19 uma nacionalidade se está racializando o vírus, desde um lugar geográfico racializado – amarelo, não branco – e atribuindo às suas práticas culturais – o consumo de animais silvestres, comportamento primitivo, segundo a hierarquia colonial-moderna, que introduziu animais domésticos para que fossem comidos – a responsabilidade pela disseminação do mal". E

41 Jamil Chade, "Aos 75 anos, ONU é alvo de campanha inédita do Brasil para esvaziá-la". *UOL*, 24/09/2019, em https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/06/26/aos-75-anos-onu-e-alvo-de-campanha-inedita-do-brasil-para-esvazia-la.htm (acesso em 26/06/2020).

42 Como sugere Simon Evans no título de sua matéria para o site *The Conversation*, de 17/02/2020, "*Coronavirus has finally made us recognise the illegal wildlife trade is a public health issue*", em https://theconversation.com/coronavirus-has-finally-made-us-recognise-the-illegal-wildlife-trade-is-a-public-health-issue-133673 (acesso em 20/07/2020).

completa: "[A] sopa é, portanto, de morcegos, que pessoas amarelas, primitivas, insistem em comer" (Guimarães, 2020: 7). E tinha de ser mesmo uma sopa, um caldo de carne cozida, signo máximo da refeição plebeia – e perigosamente próxima do podre (Lévi-Strauss, 1968) – e da cozinha feminina (Montanari, 2008: 80).

É fundamental, ainda, problematizar o difundido "*China's love of eating wild animals*"[43] que alimenta a discussão sobre a sopa de morcegos e os perigos dos contatos e contágios interespecíficos. Se é verdade, como vimos, que a culinária tradicional chinesa usa saborear uma pletora de espécies de animais silvestres, é igualmente fato que o consumo *per capita* de carne bovina está aumentando exponencialmente naquele país, que já é o que mais abate bovinos, o terceiro maior consumidor e o segundo maior importador do planeta – grande parte desta produzida no Brasil (Wedekin, 2017: 45, 57)[44]. Ademais, o foco concentrado, agora, nas transações com animais selvagens e em seu aproveitamento como comida (ilícita ou não) obscurece a constatação de que vários microorganismos perigosos e potencialmente pandêmicos emergiram nas grandes concentrações industriais de animais domesticados para abate (sobretudo suínos e aves) que alimentam a maioria de nós (Roberts, 2009; Wallace, 2020).

É preciso, assim, cautela na condenação de hábitos alimentares exóticos, pois as nossas ementas também carregam riscos epidemiológicos consideráveis: a "revolução na criação de animais", nas palavras do historiador Mike Davis (2006: 105), colocou bilhões de animais confinados em exíguos espaços, muito próximos de nós, e vem entupindo-os de antibióticos e medicamentos de forma descontrolada, criando, com isso, condições ideais para mutações e propagações de "novos vírus" (Porter, 2019) e de outros seres e as "consequências imprevistas" que mobilizam (Sordi e Lewgoy, 2013). Em um de seus últimos escritos, Lévi-Strauss (2009) deplorou o absurdo de nossas práticas contemporâneas de criação animal, nas quais vacas são tornadas "loucas" porque convertidas em animais carnívoros, mas também canibais (alimentadas com rações farináceas "proteinadas", feitas de restos cárneos e ósseos de vacas abatidas), do que resultou uma criatura – o príon (*proteinaceous infectious particle*) – ainda mais enigmática do que os vírus.

Estamos informados, ainda, sobre como o pretenso "combate" (ou "guerra") aos vírus e outros patógenos virulentos tem servido, em alguns contextos, para desarticular a produção doméstica, de pequenos agricultores e criadores terceirizados de aves, como aconteceu na Indonésia (Lowe, 2010) e na Tailândia (Davis, 2006: 121-141), abrindo lucrativos espaços para a expansão de grandes frigoríficos transnacionais de origem norte-americana[45]. O episódio da peste suína africana (PSA) no Oeste de Santa Catarina, pensado por muitos na região como ponto-zero do triunfo das megaindústrias da carne sobre as pequenas criações locais de porcos (Siqueira, 2016), também pode servir de exemplo

43 Charlie Campbell, "The Wets blames the Wuhan coronavirus on China's love of eating wild animals. The truth is more complex". *Time*, 24/01/2020 (em https://time.com/5770904/wuhan-coronavirus-wild-animals/, acesso em 04/07/2020).

44 Ironicamente, a China suspendeu a importação de carne de frango e porco de várias plantas frigoríficas brasileiras no final de junho, segundo consta, em função de casos de Covid-19 entre funcionários destas instalações. Ver "China suspende importações de frigoríficos brasileiros, diz Ministério". *Folha de S. Paulo*, 30/06/2020 (https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/china-suspende-importacoes-de-frigorificos-brasileiros-diz-ministerio.shtml, acesso em 04/07/2020).

45 Keck (2020: 157) assevera que a domesticação da galinha na China – iniciando esta convivência humano-aviária – foi amplificada pela indústria do frango norte-americana, que, agora, exporta seu modelo para a mesma China "na forma de um espectro aterrorizante": o lócus ideal para a mistura de seres e a emergência de novos patógenos.

para os potenciais estragos de uma avaliação precipitada, equivocada e frequentemente mal-intencionada das relações entre humanos e não humanos – uma que qualifica como primitivas, atemporais, atrasadas ou impróprias relações com animais silvestres ou formas tradicionais de criação animal não pautadas pela racionalidade industrial. Um dos resultados disso tem sido, assim, a imposição das agendas globais (leia-se euro-americanas) de proteção dos animais e do meio ambiente, que devastam economias e práticas de consumo locais – em nome, neste momento, da luta contra o "tráfico de animais silvestres" e o uso da fauna silvestre como recurso alimentar –, abrindo caminho, via de regra, para os impérios do gado bovino, suíno e do frango como, parafraseando Thys (2019) carnes "epidemiologicamente lícitas", que acabam por impor dietas monoespecíficas cada vez menos diversificadas (Borges e Carneiro, 2020).

Meu objetivo, com este artigo, foi sustentar os perigos do tratamento generalizado de muitas das relações entre coletivos humanos com animais silvestres como relações impróprias – posto que próprio para nós, modernos e civilizados, seriam as relações com os animais domésticos ou domesticados, seja para comê-los, seja para criá-los, amá-los e, de modo geral, relacionar-se com eles. Reforça-se, com isso, uma oposição problemática entre natureza (selvagem/silvestre) e cultura (doméstico/domesticado), na qual só estamos autorizados a desenvolver relações com os animais domesticados, os animais silvestres devendo permanecer, por seu turno, na natureza. Com isso, populações que entretecem relações íntimas com espécies silvestres são postas no polo da natureza, como bárbaros, selvagens, atrasados, criminosos, párias, amarelos, comunistas – e são todos, por assim dizer, *epidemiologizados*, tornados objetos de interesse epidemiológico e alvo de políticas e ações (por vezes agressivas) de prevenção, controle e até mesmo eliminação (cf. Keck, 2020). E, evidentemente, muita, mas muita gente, nesse planeta, não pode concordar com isso.

Ngkora dereberebel olik, el chelidobel e tellatel – diz o provérbio palauano, "como um morcego agachado, pendurado mas olhando para baixo" (*like a squatting bat, hanging but looking down*), que tem, assim, uma visão invertida das coisas (McKnight, 1968: 7). O sábio dito popular de Palau nos alerta, de acordo com o antropólogo que o recolheu, para ações ou comentários que visivelmente extrapolam limites. O morcego serve, desta forma, para demonstrar o cuidado necessário na interpretação de imagens e no desenho de ações, principalmente quando estes processos envolvem a responsabilização ou culpabilização de outrem, humanos ou não humanos. Conforme observou oportunamente Slavoj Žižek (2020: 90-91), "[a] luta contra o coronavírus só pode ser travada ao lado da luta contra mistificações ideológicas".

Vê-se, então, que, ao contrário da sugestão de Frédéric Keck (2020: 158), as ideias de Mao Zedong e a Revolução Cultural seguem tão temidas e ameaçadoras quanto a revolução da criação animal e os novos vírus emergentes chineses. As implicações mútuas entre preferências alimentares e ideologia política são reforçados, portanto, em nome do distanciamento que, neste momento, o Brasil parece desejar em relação aos chineses, acusados pelos militares brasileiros de compor com a esquerda um "plano comunista de aparelhamento" (Leirner, 2020: 213). E isso não é de hoje: em uma pesquisa (realizada entre 2011 e 2014) sobre a percepção popular sobre os morcegos no município baiano de Feira de Santana, um dos interlocutores, um homem de 34 anos, ao ser indagado sobre quem ou onde se utilizam

quirópteros na alimentação humana, respondeu, categórico: "Na China e em Cuba sim!" (Gomes e Costa Neto, 2016: 111). Nosso velho problema, portanto, parece continuar, mas com a ressalva de que, se os comunistas do passado comiam criancinhas, os de hoje comem morcegos.

Felipe Vander Velden é Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Professor Associado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Bolsista Produtividade CNPq – Nível 2. *A pesquisa que deu origem a este artigo, realizada em 2014-2015, foi financiada pelo CNPq (Projeto 409445/2013-4 - APQ).*

REFERÊNCIAS

Aisher, A. (2016). Scarcity, alterity and value: decline of the pangolin, the world's most trafficked mammal. *Conservation & Society*, 14(4), 317-329. https://doi.org/10.4103/0972-4923.197610

Alves, R., & Rosa, I. (2010). Trade of animals used in Brazilian Traditional Medicine: trends and implications for conservation. *Human Ecology*, 38, 691-704. https://doi.org/10.1007/s10745-010-9352-0

Alves, R.; Rosa, I., & Silva, C. (2007). Comércio informal de animais para fins medicinais em áreas urbanas: implicações para sustentabilidade e saúde pública. *Anais do ELECS – IV Encontro Nacional e II Encontro Latino-americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis*. Campo Grande: UFMS.

Alves, R., & Pereira Flho, G. (2007). Commercialization and use of snakes in North and Northeastern Brazil: implications for conservation and management. *Biodiversity Conservation*, 16, 969-985. https://doi.org/10.1007/s10531-006-9036-7

Alves, R., & Santana, G. (2008). Use and commercialization of *Podocnemis expansa* (Schweiger 1812) (Testudines: Podocnemididae) for medicinal purposes in two communities in North of Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 4(3), 1-6. https://doi.org/10.1186/1746-4269-4-3

Alves, R.; Oliveira, M. G.; Barboza, R., & Lopez, L. C. (2010). An ethnozoological survey of medicinal animals commercialized in the markets of Campina Grande, NE Brazil. *Research in Human Ecology*, 17(1), 11-17. http://www.jstor.org/stable/24707511

Alves, R.; Barboza, R., & Souto, W. (2009). Endangered Felidae used in traditional medicines. *International Journal of Medical and Biological Frontiers*, 15 (5/6), 1-14.

Amaral, A.; Campos, J.; Ramos, T.; Taveira, R.; Silveira Neto, O.; Gomes, R.; Pereira, K., & Oliveira, O. (2016). Avaliação de mercado de carne de animais silvestres e exóticos na Região Metropolitana de Goiânia. *Revista Espacios*, 37(1), artigo 17. Disponível em: https://www.revistaespacios.com/a16v37n14/16371417.html

Andersen, K.; Rambaut, A.; Lipkin, W.; Holmes, E., & Garry, R. (2020). The proximal origin of SARS-CoV-2. *Nature Medicine*, 26, 450–452. https://doi.org/10.1038/s41591-020-0820-9

Bennett, E., & Robinson, J. (2000). Hunting of wildlife in tropical forests: implications for biodiversity and forest peoples. *Biodiversity Series – Impact Studies*, paper nº. 76.

Billé, F., & Urbansky, S. (eds.) (2018). *Yellow perils: China narratives in the contemporary world*. Honolulu: University of Hawai'i Press.

Bonwitt, J.; Dawson, M.; Kandeh, M.; Ansumana, R.; Sahr, F.; Brown, H., & Kelly, A. (2018). Unintended consequences of the 'bushmeat ban' in West Africa during the 2013-2016 Ebola virus disease epidemic. *Social Science & Medicine*, 200, 166-173. https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2017.12.028

Borges, C., & Carneiro, G. (2020). Morcegos, humanos e pandemias: perpectivas de longa duração para o entendimento das relações entre sociedades e ambientes. *Tessituras*, 8(1), 128-156. https://doi.org/10.15210/TES.V8I1.19267

Bowen-Jones, E. (2003). Bushmeat: traditional regulation or adaptation to market forces. *In:* S. Oldfield (ed.). *The trade in wildlife: regulation for conservation* (pp. 132-145). Oxon/New York: Earthscan Publications.

Briggs, C., & Martini-Briggs, C. (2004). *Stories in the time of cholera: racial profiling during a medical nightmare*. Berkeley: University of California Press.

Broad, S.; Mulliken, T., & Roe, D. (2003). The nature and extent of legal and illegal trade in wildlife. In: S. Oldfield (ed.), *The trade in wildlife: regulation for conservation* (pp. 3-22). London: Earthscan.

Brown, H., & Nading, A. (2019). Introduction: human animal health in medical anthropology. *Medical Anthropology Quarterly*, 33(1), 5-23. https://doi.org/10.1111/maq.12488

Callaway, E., & Cyranoski, D. (2020). Why snakes probably aren't spreading the new China virus. *Nature*, 23/01/2020. https://doi.org/0.1038/d41586-020-00180-8

Carpinetti, B., & Fa, J. (2012). El consumo de 'carne de monte' en la isla de Bioko: una Mirada desde la antropología ecológica. *Avá*, 20, 57-72. http://argos.fhycs.unam.edu.ar/handle/123456789/579

Cavignac, J.; Macêdo, M.; Silva, D., & Dantas, M. I. (2018). *Comida da terra: notas sobre o sistema alimentar do Seridó*. Natal: Edições Sebo Vermelho.

Chomsky, N. (2020). *Internacionalimo ou extinção: reflexões sobre as grandes ameaças à existência humana, com prefácio sobre o coronavírus*. São Paulo: Planeta.

Coggins, C. (2002). *The tiger and the pangolin: nature, culture, and conservation in China*. Honolulu: University of Hawaii Press.

Costa Neto, E., & Alves, R. (orgs.) (2010). *A zooterapia: os animais na medicina popular brasileira*. Recife: NUPEEA.

Dabezies, J., & Prieto, L. (2020). Entre jabalíes, murciélagos y virus: emergencia de nuevos objetos biopolíticos en la bioinseguridad del COVID-19. *Tessituras*, 8(1), 333-353. https://doi.org/10.15210/TES.V8I1.19800

Darnton, R. (1986). Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na rua Saint-Séverin. *In: O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa* (pp. 103-139). Rio de Janeiro: Graal.

Davis, M. (2006). *O monstro bate à nossa porta: a ameaça global da gripe aviária*. Rio de Janeiro: Record.

Dezem, R. (2005). *Matizes do "amarelo": a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo: Humanitas/LEI/Fapesp.

Diamond, J. (1999). *Guns, germs, and steel: the fates of human societies*. New York: W.W. Norton & Company.

Donovan, D. (2004). Cultural underpinnings of the wildlife trade in southeast Asia. *In:* J. Knight (ed.). *Wildlife in Asia: cultural perspectives* (pp. 88-111). London: Routledge.

Douglas, M. (1990). The pangolin revisited: a new approach to animal symbolism. *In:* R. Willis (ed.). *Signifying animals: human meaning in the natural world* (pp. 23-33). London/New York: Routledge.

Duffy, R. (2010). *Nature crime: how we're getting conservation wrong*. New Haven: Yale University Press.

Dugnoille, J. (2018). To eat or not to eat companion dogs: symbolic value of dog meat and human-dog companionship in contemporary South Korea. *Food, Culture & Society*, 21(2), 214-232. https://doi.org/10.1080/15528014.2018.1429075

Elabras, R. (2003). Operações de repressão aos crimes ambientais: procedimentos e resultados. *In:* RENCTAS (org.). *Animais silvestres: vida à venda* (pp. 75-88). Brasília: Dupligráfica.

Enserink, M. (2020). Coronavirus rips through Dutch mink farms, triggering culls to prevent human infections. *Science*, 09/06/2020. https://doi.org/10.1126/science.abd2483

Eriksen, T. (2016). *Overheating: an anthropology of accelerated change*. London: Pluto Press.

Escriba de Cristo (2020). *Coronavírus – conspiração chinesa*. Itariri: Amazon/Bibliomundi/Clube de Autores.

Fairhead, J. (2018). Technology, inclusivity and the rogue bats and the war against the 'Invisible Enemy'. *Conservation & Society*, 16(2), 170-180. https://doi.org/0.4103/cs.cs_16_162

Fitzgerald, S. (1989). *International wildlife trade: whose business is it?* Washington: WWF.

Garcia, U. (2018). Macacos também choram, ou esboço para um conceito ameríndio de espécie. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69, 179-204. https://doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v0i69p179-204

Garret, L. (1995). *A próxima peste: novas doenças num mundo em desequilíbrio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Gewertz, D., & Errington, F. (2010). *Cheap meat: flap food nations in the Pacific islands*. Berkeley: University of California Press.

Gomes, M. da C., & Costa Neto, E. (2016). *Morcegos: uma abordagem biológica, mitológica e etnozoológica*. Feira de Santana: UEFS Editora.

Green, A. (1999). *Animal underworld: inside America's black market for rare and exotic species.* New York: Public Affairs.

Guimarães, R. (2020). *Moquecar (n)a pandemia*. São Paulo: N-1 Edições (disponível em https://n-1edicoes.org/071).

Ji, W.; Wang, W.; Zhao, X.; Zai, J., & Li, X. (2020). Cross-species transmission of the newly identified coronavirus 2019-nCoV. *Journal of Medical Virology*, 92(4), 433-440. https://doi.org/10.1002/jmv.25682

Keck, F. (2020). *Avian reservoir: virus hunters and birdwatchers in Chinese sentinel posts*. Durham: Duke University Press.

Keck, F.; Kelly, A., & Lynteris, C. (2019). Introduction: the anthropology of epidemics. *In:* F. Keck; A. Kelly, & C. Lynteris (eds.). *The anthropology of epidemics* (pp. 1-24). London/New York: Routledge.

Keck, F., & Lachenal, G. (2019). Simulations of epidemics: techniques of global health and neo-liberal government. *In:* F. Keck; A. Kelly, & C. Lynteris (eds.), *The anthropology of epidemics* (pp. 25-42). London/New York: Routledge.

Knight, J. (ed.) (2000). *Natural enemies: people-wildlife conflicts in anthropological perspective*. London/New York: Routledge.

Laird, T. (2018). *Bats.* London: Reaktion Books.

Leite, J. R. (1999). *A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e nas artes brasileiras*. Campinas: Editora da Unicamp.

Leirner, P. (2020). *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica*. São Paulo: Alameda.

Lévi-Strauss, C. (1968). O triângulo culinário. *In: Lévi-Strauss* (pp. 24-35). São Paulo: L'Arc Documentos.

Lévi-Strauss, C. (2009). A lição de sabedoria das vacas loucas. *Estudos Avançados*, 23(67), 211-216. https://doi.org/10.1590/S0103-40142009000300025

Li, J.; Li, J.; Xie, X.; Cai, X.; Huang, J.; Tian, X., & Zhu, H. (2020). Game consumption and the 2019 novel coronavirus. *The Lancet*, 20, 275-276. https://doi.org/10.1016/S1473-3099(2)30063-3

Liddick, D. (2011). *Crimes against nature: illegal industries and the global environment*. Santa Barbara: Praeger.

Liu, P.; Jiang, J.; Wan, X.; Hua, Y.; Li, L.; Zhou, J.; Wang, X.; Hou, F.; Chen, J.; Zou, J., & Chen, J. (2020). Are pangolins the intermediate host of the 2019 novel coronavirus (SARS-CoV-2)? *PLOS Pathogens*, 16 (5), e1008421. https://doi.org/10.1371/journal.ppat.100842

Livingstone, E.; Gomez, L., & Bouhuys, J. (2018). A review of bear farming and bear trade in Lao People's Democratic Republic. *Global Ecology and Conservation*, 13. https://doi.org/10.1016/j.gecco.2018.e00380

Lowe, C. (2000). Global markets, local injustice in southeast Asian seas: the live fish trade and local fishers in the Togean Islands of Sulawesi. *In:* C. Zerner (ed.). *People, plants, & justice: the politics of nature conservation* (pp. 234-258). New York: Columbia University Press.

Lowe, C. (2006). *Wild profusion: biodiversity conservation in an Indonesian archipelago*. Princeton: Princeton University Press.

Lowe, C. (2010). *Viral clouds: becoming H5N1 in Indonesia. Cultural Anthropology*, 25(4), 625-649. https://doi.org/10.1111/j.1548-1360.2010.01072.x

Lu, R.; Zhao, X.; Li, J.; Niu, P.; Yang, B.; Wu, H.; Wang, W.; Song, H.; Huang, B.; Zhu, N.; Bi, Y.; Ma, X.; Zhan, F.; Wang, L.; Hu, T.; Zhou, H.; Hu, Z.; Zhou, W.; Zhao, L.; Chen, J.; Meng, Y.; Wang, J.; Lin, Y.; Yuan, J.; Xie, Z.; Ma, J.; Liu, W.; Wang, D.; Xu, W.; Holmes, E.; Gao, E.; Wu, G.; Chen, W.; Shi, W., & Tan, W. (2020). Genomic characterization and epidemiology of 2019 novel coronavirus: implications for virus origins and receptor binding. *The Lancet*, 395, 565-574. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30251-8

Lynteris, C. (2016). The prophetic faculty of epidemic photography: Chinese wet markets and the imagination of the next pandemic. *Visual Anthropology*, 29(2), 118-132. https://doi.org/10.1080/08949468.2016.1131484

Lynteris, C. (ed.) (2019a). *Framing animals as epidemic villains: histories of non-human disease vectors*. Cham: Palgrave Macmillan.

Lynteris, C. (2019b). Tarbagan's winter lair: framing drivers of plague persistence in Inner Asia. *In:* C. Lynteris (ed.). *Framing animals as epidemic villains: histories of non-human disease vectors* (pp. 65-90). Cham: Palgrave Macmillan.

Machado, C. S. (2013). Animais na dinâmica global da ecologia das doenças infecciosas. *In:* C. S. Machado (org.). *Animais na sociedade brasileira: práticas, relações e interdependências* (pp. 163-211). Rio de Janeiro: Editora E-papers.

McGovern, M. (2014). Bushmeat and the politics of disgust. Hot Spots, *Fieldsights*, October 7. https://culanth.org/fieldsights/bushmeat-and-the-politics-of-disgust

McKnight, R. (1968). Proverbs of Palau. *The Journal of American Folklore*, 81(319), 3-33. https://doi.org/10.2307/537435.

Mickleburgh, S.; Waylen, K., & Racey, P. (2009). Bats as bushmeat: a global review. *Oryx*, 43(2), 217-234. https://doi.org/10.1017/S0030605308000938

Mildenstein, T.; Tanshi, I., & Racey, P. (2016). Exploitation of bats for bushmeat and medicine. In: C. Voigt & T. Kingston (eds.). *Bats in the Anthropocene: conservation of bats in a changing world* (pp. 325-375). Cham: Springer Open.

Mills, J., & Jackson, P. (1994). *Killed for a cure: a review of the worldwide trade in tiger bone*. Cambridge: Traffic International.

Montanari, M. (2008). *Comida como cultura*. São Paulo: Editora SENAC.

Nguyen, V-K. (2019). Of what are epidemics the symptom? Speed, interlinkage, and infrastructure in molecular anthropology. In: F. Keck, A.Kelly, & C. Lynteris (eds.). *The anthropology of epidemics* (pp. 154-177). London/New York: Routledge.

Pangau-Adam, M., & Noske, R. (2010). Wildlife hunting and bird trade in Northern Papua (Irian Jaya), Indonesia. In: S. Tidemann & A. Gosler (eds.). *Ethnornithology: birds, indigenous peoples, culture and society* (pp. 73-85). London: Earthscan.

Pagau-Adam, M.; Noske, R., & Muehlenberg, M. (2012). Wildmeat or bushmeat? Subsistence hunting and commercial harvesting in Papua (West New Guinea), Indonesia. *Human Ecology*, 40, 611-621. https://doi.org/10.1007/s10745-012-9492-5

Perrota, A. P. (2020). Serpentes, morcegos, pangolins e 'mercados úmidos' chineses: uma crítica da construção de vilões apidemiológicos no combate à Covid-19. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Reflexões na Pandemia – 2020: 1-6. http://ppgcs.ufrrj.br/wp-content/uploads/2020/04/PERROTA-Serpentes-morcegos-pangolinsFI.pdf

Phillips, C. (2015). *The animal trade*. Oxfordshire: CABI.

Pinto, M. (2017). *O mercado de caça e pescado na tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru*. Manaus: Edua.

Porter, N. (2013). Bird flu biopower: strategies for multispecies coexistence in Viêt Nam. *American Ethnologist*, 40(1), 132-148. https://doi.org/10.1111/amet.12010

Porter, N. (2019). Migrant birds or migrant labour? Money, mobility, and the emergence of poultry epidemics in Vietnan. In: F. Keck, A.Kelly, & C. Lynteris (eds.). *The anthropology of epidemics* (pp. 70-83). London/New York: Routledge.

Preston, R. (1995). *Zona quente: uma história terrível e real*. Rio de Janeiro: Rocco.

Purnama, S., & Indrawan, M. (2010). Entrapments of wetland birds: local customs and methods of hunting in Krangkeng, Indramayu, Central Java. In: S. Tidemann, A. Gosler (eds.). *Ethnornithology: birds, indigenous peoples, culture and society* (pp. 65-72). London: Earthscan.

Puyol, A.; Inchausty, V.; Ortiz, B., & Yépez, O. (2010). *Género, alternativas productivas y seguridad alimentario: la disminuición de la cacería comercial en Yasuní como una oportunidad para el mejoramiento de la gobernanza territorial*. London: UICN/Traffic.

Quammen, D. (2012). *Spillover: animal infections and the next human pandemic*. New York/London: W. W. Norton & Company.

Raffaelli, R. (2008). The witches' charmed potion in Macbeth. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 90, 1-17. https://doi.org/10.5007/2282

RENCTAS (Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres) (2001). *1º. Relatório Nacional sobre o Tráfico de Animais Silvestres*. Brasília: RENCTAS.

Ribeiro, M. G. (2017). *Imaginário da serpente de A a Z*. Campina Grande: Eduepb.

Roberts, P. (2009). *O fim dos alimentos*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Robinson, C., & Remis, M. (2014). Entangled realms: hunters and hunted in the Dzanga-Sangha Dense Forest Reserve (APDS), Central African Republic. *Anthropological Quarterly*, 87 (3), 613-633. 10.1353/anq.2014.0036

Rose, D. (2011). Flying fox: kin, keystone, kontaminant. *Australian Humanities Review*, 50, 119-136. https://doi.org/10.1353/man.2010.0013

Sabban, F. (1993). La viande en Chine: imaginaire et usages culinaires. *Anthropozoologica*, 18, 79-90. https://sciencepress.mnhn.fr/fr/periodiques/anthropozoologica/18/la-viande-en-chine-imaginaire--et-usages-culinaires

Said, E. (1990). *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.

Santos, C. M.; Conceição, G. da, & Bracht, F. (2013). De tatus moqueados e porcos fumados: caça e criação de mamíferos na América portuguesa quinhentista. *Revista Caminhos da História*, 18(1), 143-154. https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/3280.

Schneider, J. (2012). *Sold into extinction: the global trade in endangered species*. Santa Barbara: Praeger.

Segata, J. (2016). A doença socialista e o mosquito dos pobres. *Iluminuras*, 17(42), 372-389. https://doi.org/10.22456/1984-1191.69998

Silveira, F. L. da; Silva, M., & Mercês, R. (2016). Voando baixo sobre humanos: garças e urubus na Pedra do Peixe, no Ver-o-Peso (PA). *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*, 2, 299-319. https://revistaleca.org/journal/index.php/RLECA/article/view/80

Siqueira, D. (2016). *'A gente sabe o sistema como é criado': a carne de porco entre a casa e a agroindústria na região de Chapecó-SC*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Sodikoff, G. (2019). The multispecies infrastructure of zoonosis. *In:* F. Keck; A.Kelly; C. Lynteris (eds.). *The anthropology of epidemics* (pp. 102-120). London/New York: Routledge.

Sordi, C., & Lewgoy, B. (2013). O que pode um príon? O caso atípico de Vaca Louca no Brasil e seus desdobramentos. *Anthropológicas*, 24(1), 125-143. https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23792

Takeuchi, M. (2008). *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. São Paulo: Humanitas.

Thys, S. (2019). Contesting the (super)natural origins of Ebola in Macenta, Guinea: biomedical and popular approaches. *In:* C. Lynteris (ed.). *Framing animals as epidemic villains: histories of non-human disease vectors* (pp. 177-210). Cham: Palgrave Macmillan.

Vander Velden, F. (2018). *Joias da floresta: antropologia do tráfico de animais*. São Carlos: Editora da UFSCar.

Vander Velden, F. (2021). Sobre fracasos y éxitos relativos Técnica, política y ontología en los proyectos de crianza animal en aldeas indígenas de Amazonia. *RUNA - Archivos para la Ciencia del Hombre*, 42(1), 391-407. https://doi.org/10.34096/runa.v42i1.8287

Wallace, R. (2020). *Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência*. São Paulo: Elefante.

Wedekin, I. (2017). *Economia da pecuária de corte: fundamentos e o ciclo de preços*. São Paulo: Wedekin Consultores.

Wyatt, T. (2013). *The Palgrave Macmillan wildlife trafficking: a deconstruction of the crime, the victims and the offenders*. London: Palgrave Macmillan.

WWF (1995). *Tráfico de animais silvestres no Brasil: um diagnóstico preliminar. Série Técnica volume I*. Brasília: WWF Brasil.

Zhan, M. (2005). *Civet cats*, fried grasshoppers, and David Beckham's pajamas: unruly bodies after SARS. *American Anthropologist*, 107(1), 31-42. https://doi.org/10.1525/aa.2005.107.1.031

Zhan, S.; Deverman, B., & Chan, Y. (2020). SARS-CoV-2 is well adapted for humans. What does this mean for re-emergence? *BioRxiv*, 2020.05.01.073262 https://doi.org/10.1101/2020.05.01.073262

Žižek, S. (2020). *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo.

A DOENÇA COMUNISTA E A SOPA DE MORCEGOS. SOBRE TRÁFICO DE ANIMAIS, ORIENTALISMO E PANDEMIA

Resumo: Qual foi, afinal, a origem do novo coronavirus, o SARS-CoV-2, que provocou a crise sanitária pandêmica que vem transformando nosso mundo contemporâneo? De qual ou quais espécie(s) animal ou animais emergiu e em que país começou a se espalhar? Utilizando especialmente fontes da *web*, este artigo busca mostrar que as discussões em torno das origens do novo vírus e da doença que ele provoca articulam o biológico e o nacional, e o político e o viral, de formas complexas, e que estão intrinsecamente vinculadas a certas formas de relação entre humanos e animais, especialmente aquelas relacionadas ao seu consumo e ao seu tráfico em escalas internacionais.
Palavras-chave: Coronavírus; Origem; Animais; Tráfico; China.

THE COMMUNIST DISEASE AND THE BAT SOUP. ON ANIMAL TRAFFICKING, ORIENTALISM, AND PANDEMICS

Abstract: What, after all, was the origin of the new coronavirus, the SARS-CoV-2, which caused the pandemic health crisis that has been transforming our contemporary world? From whicht animal(s) species did it emerge and in which country did it start to spread? Using especially web sources, this article seeks to show that the discussions around the origins of the new virus and the disease it causes articulate the biological and the national, and the political and the viral, in complex ways. That they are intrinsically linked to certain forms of relationships between humans and animals, especially those related to their consumption and trafficking on an international scales.
Keywords: Coronavirus; Origins; Animals; Animal trafficking; China.

RECEBIDO: 10/02/2021
APROVADO: 19/04/2021